

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

MANUELLA DIAS VALIM

A Escola de Educação Infantil como um Lugar da Experiência

Parar para Olhar

Ter Sensibilidade no Olhar

Tentar Desacelerar

São Leopoldo

2018

MANUELLA DIAS VALIM

A Escola de Educação Infantil como um Lugar da Experiência

Parar para Olhar

Ter Sensibilidade no Olhar

Tentar Desacelerar

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof^a. Ms. Rosane Romanini

São Leopoldo

2018

A Escola de Educação Infantil como um Lugar da Experiência

Parar para Olhar

Ter Sensibilidade no Olhar

Tentar Desacelerar

Manuella Dias Valim*

Rosane Romanini**

Resumo: Durante minha trajetória pedagógica nas escolas de educação infantil, algumas práticas me incomodavam, tornavam o trabalho cansativo e pareciam não fazer sentido para as crianças. A rotina de ter que fazer um planejamento que coubesse no tempo da escola e não no tempo da criança, propondo atividades nas quais não há tempo para que elas pudessem explorar os materiais oferecidos, com um tempo mais alargado, causava estresse nas crianças e, até mesmo, nas professoras. Práticas essas, inimigas da experiência e dos direitos de aprendizagem das crianças na educação infantil, contribuíram para que eu buscasse outras práticas que fizessem sentido para as crianças. Percorri alguns caminhos viajantes, nos quais pude conhecer escolas em São Leopoldo, Florianópolis e Novo Hamburgo que valorizam a infância e o tempo da criança. Nesses caminhos, analisei os conceitos de experiência por Jorge Larrosa, Walter Benjamin e John Dewey, que me ajudaram na busca de uma vida infantil menos apressada. Acrescento a essa minha análise o estudo da Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil (2017) e, por fim, compartilho as minhas inquietações com três professoras que se propuseram a olhar suas práticas cotidianas à luz dos autores citados a partir das proposições de “parar para olhar”, de “ter sensibilidade no olhar” e de “tentar desacelerar”, para que a experiência seja vivida e, ao permitir esse viver, as crianças sejam tocadas. Na tentativa das proposições que envolvem novos olhares, sensibilidade e uma busca pela desaceleração do cotidiano infantil nas escolas de crianças pequenas, aconteçam possibilidades de criação e transformação.

Palavras-chave: Experiência. Sentido. Tempo. Educação Infantil. Criança.

* Graduada em Pedagogia. Articuladora Pedagógica pela Rede Municipal de Cachoeirinha. Estudante do curso de especialização em Educação Infantil pela UNISINOS. amanuellavalim@gmail.com

** Mestre em Educação na linha de pesquisa em políticas públicas, professora de Educação Física, psicomotricista relacional, brinquedista, professora aposentada da RMENH, assessora pedagógica da RMENH (2006 a 2014), professora da Especialização em Educação Infantil da UNISINOS, presidente da OMEP/NH e trabalha com formação de professores e pesquisadora do brincar. anerosa2009@hotmail.com

ENCONTROS E DESENCONTROS: EM BUSCA DE UM SENTIDO PARA AS PRÁTICAS COTIDIANAS

Início está escrita fazendo um breve relato da minha trajetória, mostrando situações que vivenciei nas escolas de educação infantil. Tive contato com escolas, tanto privadas como públicas, cada uma tem a sua proposta de trabalho particular, mas com muitas propostas em comum. Todas elas organizam as turmas por faixa etária. Algumas têm duas professoras por turma, outras têm uma professora titular e uma professora auxiliar.

Algumas das escolas trabalham com a Pedagogia dos Projetos, entretanto, em outras, principalmente nas escolas particulares, os projetos são elaborados pela coordenação pedagógica, as professoras só precisam executar o que é proposto. Outras escolas tem a oportunidade de trabalhar o projeto através do interesse das crianças, mas acabam realizando projetos tradicionais em cada mês, como: adaptação, identidade, higiene, etc...

Algumas dessas escolas trabalham todas as datas comemorativas. Dia do índio (pintando e caracterizando as crianças para o dia), dia da árvore (pintando as mãos das crianças e carimbando num cartaz para formar uma árvore), dia da água (amassando bolinha de papel crepom para simbolizar a água), entre tantas outras datas. Todas as atividades são realizadas com toda a turma ao mesmo tempo.

O tempo de pátio ou praça é de, aproximadamente, 30 minutos, tanto para o turno da manhã, como para o turno da tarde. Normalmente os brinquedos oferecidos nesses espaços são dois ou três balanços, cavalinhos de plástico e os brinquedos de porte maior de plástico, nos quais as crianças podem subir e escorregar.

Todas trabalham com uma rotina organizada por horário. Horário para as crianças fazerem atividades. Horário para as refeições e tempo estimado para fazer a alimentação, para poder atender todas as turmas no mesmo refeitório. Horário para fazer a higiene, para dormir e para acordar. Algumas incluem nessas rotinas, além do horário, os dias específicos, como o dia do brinquedo de casa, dia da aula de música, dia da aula de inglês, dia da aula de ballet e ou capoeira.

As salas são organizadas a partir de um tema, onde cada uma tem o seu tema escolhido pela professora. Todas as salas têm caixas de brinquedos e de jogos, bem como exposição dos trabalhos (folha de ofício A4) de cada criança. Algumas salas

deixam as caixas de brinquedos ao alcance das crianças e outras deixam as caixas em cima de armários e prateleiras.

Diante desse relato, fica a pergunta: Por onde andam as experiências nessa organização do ensino infantil?

Com esse questionamento e com a minha inquietude, a proposta da minha escrita é refletir sobre as práticas da Educação Infantil, relacionado ao conceito de experiência, numa análise a partir dos autores Jorge Larrosa, Walter Benjamin e John Dewey, mostrando os caminhos viajantes, nos quais tive a oportunidade de conhecer três escolas em diferentes cidades. Acrescento nessa reflexão o estudo da Base Nacional Comum Curricular da educação infantil e compartilho as minhas inquietações com três professoras que se disponibilizaram a fazer uma análise de suas práticas a partir dos autores citados.

ANDANÇAS E ESTUDOS QUE PERMITIRAM AMPLIAR O OLHAR

Começando por São Leopoldo

Fui convidada pela minha orientadora a conhecer uma escola privada de Educação Infantil, a Acalento, localizada no município de São Leopoldo. Ao entrar, já fui chamada a conhecer a maior “sala” da escola, o pátio. Um pátio diferente diante do meu olhar. Para chegar ao pátio foi preciso subir uma rampa, onde tinha brinquedos de madeira e muitas crianças brincando. Mais de uma turma estava no mesmo espaço, proporcionando uma integração entre elas.

Não era um pátio plano, como normalmente são nas escolas de educação infantil, era um pátio com desníveis, para que as crianças aprendam a caminhar por caminhos diferentes. Todo de chão batido, terra e areia. Ao lado do pátio maior, havia um espaço somente com cordas, amarradas de diferentes maneiras para as crianças, proporcionando imaginação e algumas aventuras nas brincadeiras.

Ao observar esse espaço, relacionei ao que Larrosa (2002) me fez refletir, para ele a educação é vista sobre dois pontos de vista. Primeiro pela ciência e a técnica, pelo ponto de vista da relação entre teoria e prática. Segundo pela política e a crítica, na ideia de que o professor que desenvolve o lado crítico. Ele não defende nenhum dos dois lados, porém propõe uma terceira forma de educação que é experiência/sentido. Larrosa traz o significado dessas duas palavras, fazendo uma

exploração das palavras para então compreendê-las. Fala que o nosso pensamento é rígido de palavras e que para pensar não é preciso somente “raciocinar”, mas sim dar sentido ao que nos acontece, que o modo como agimos diante do mundo, é colocado diante das palavras e de seu sentido. Na escola Acalento, os espaços são organizados para que tenham sentido para as crianças.

Todo espaço externo da escola é composto por elementos da natureza, como folhagens, árvores frutíferas, canteiros e brinquedos de madeira, proporcionando um olhar sensível das crianças sobre o ambiente, no qual uma turma se preocupou com o canto do pátio que é cercado para o armazenamento do botijão de gás. As crianças perguntaram por que não tinha vida naquele espaço e por que não podia ser usado. A professora explicou o motivo das crianças não poderem usar. Mesmo entendendo que não podiam usar o espaço, as crianças queriam que o canto do gás tivesse vida. Com a ajuda dos pais e das professoras, fizeram um caminho com pedras e troncos de madeira, para que quem fosse trocar o gás pudesse passar por um caminho. Pesquisaram o que poderiam plantar e viram que a melhor opção, para evitar entrar no cercado, era plantar maracujá. As crianças plantaram e ainda para compor o ambiente, colocaram um espantalho.

Figura 1 – Escola Acalento



Fonte: Registro da autora.

A professora dessa turma tem um olhar atento às crianças e acredita que elas são capazes de pensar e solucionar problemas, dando voz e vez para as crianças, diferente de muitos adultos que não consideram o desejo das crianças, ignoram seus pensamentos.

Walter Benjamin (1987), critica a visão de muitos adultos diante da criança. Afirma que o adulto desconsidera o sujeito mais jovem ou a criança pelo fato de achar que não tem capacidade de produzir experiências e vivências. Que o adulto se

esquece da criança que foi. (SANTOS, 2015). Existe uma diferença entre experiência e vivência na modernidade. Kramer (2000, p. 19-20) nos esclarece melhor dizendo que a narrativa é o que diferencia:

Tomamos de empréstimo a denúncia feita pelo filósofo sobre a perda da capacidade de narrar em consequência do definhamento da experiência do homem moderno. Estudamos a distinção que Benjamin estabelece entre vivência (reação a choques) e experiência (vivido que é pensado, narrado): na vivência, a ação se esgota no momento de sua realização (por isso é finita); na experiência, a ação é contada a um outro, compartilhada, tornando-se infinita. Esse caráter histórico, de permanência, de ir além do tempo vivido, tornando-se coletiva, constitui a experiência.

O que presenciamos na construção coletiva do espaço arquitetado na escola nos mostra a experiência com sentido, valorizando e tornando visível o desejo das crianças, sendo compartilhada para toda a escola.

Nessa escola as turmas escolhem um nome para representá-los, possuem um lugar de referência onde deixam os seus pertences pessoais. Os grupos vão circulando durante o dia pelas salas temáticas, onde podem brincar no espaço de “Atelier”, na sala de “Projeção”, na sala de “Conexões”, na sala “Múltiplas”, entre outras salas. Há também a sala para pesquisa, na qual as turmas guardam as pesquisas que estão realizando no momento, como a turma que queria saber como o pintinho saía do ovo, pois uma das crianças mora em um sítio e traz, diariamente, esses relatos. Eles construíram, com a ajuda das famílias, uma chocadeira de madeira.

Kishimoto (2016) esclarece que, para John Dewey, a aprendizagem não deve partir de conteúdos pré-fixados, mas que deve partir da criança, do seu interesse e da sua realidade. Que o adulto deve estar disponível para as dúvidas das crianças, formando uma parceria na investigação, na pesquisa.

A teoria da experiência de Dewey prevê uma educação humanista e democrática no lugar de uma educação tradicional com métodos rígidos e autocráticos, assim como organizações sociodemocráticas, no lugar de ações individuais. A experiência vista nessa perspectiva provoca encantamento, gera interesse, envolvimento de grupos de crianças que, por exemplo, podem se encantar com os contos fantásticos, podem recontar suas histórias, escutar versões dos amigos e de outras versões da história, ampliando suas experiências, com uso de múltiplas linguagens, além de expressar emoções, vivenciar conflitos, constituir amizades, recriar situações, buscando

novas histórias, com impacto nas experiências posteriores. (KISHIMOTO, 2016, p.8)

Os projetos nessa escola são elaborados a partir dos interesses das crianças, assim como a chocadeira, que surgiu da realidade de uma criança e da curiosidade das demais. A chocadeira é analisada diariamente e registrada pela professora e pelas crianças.

Seguindo as andanças: Florianópolis - SC

Para ampliar o meu olhar, tive a oportunidade de participar de um curso em uma escola Waldorf, a escola “Casa Amarela”, situada em Florianópolis. Foram dois dias de curso. Havia delicadeza em tudo na escola, começando pela entrada com um portão de madeira, em que chamávamos tocando um sino, aguardando o atendimento numa sombra de árvore com flores rosas.

Para iniciar o curso, fomos convidadas pela diretora Sandra a observar as crianças do Jardim¹ brincarem no pátio. Durante a observação, não podíamos usar o celular e o bloco de anotações. Fizemos duplas, nas quais uma segurava um novelo de lã, enquanto a outra enrolava essa lã. Nos proporcionaram esse momento para mostrar que uma professora Waldorf usa a manualidade enquanto cuida das crianças, como cuidar da horta, cozinhar, costurar, pois com a manualidade é possível fazer algo com as mãos e ao mesmo tempo estar atenta as crianças.

Na observação, algumas crianças mostraram o rabo de tigre, feito com o tricô de dedo.² Esse tricô é feito somente pelas crianças de 6 anos, pois a escola trabalha a coordenação ampla, os movimentos expansivos da criança, para depois ir para o finamento³. Primeiro a coordenação geral, no caso, autonomia corporal, não a cognitiva. As turmas são misturadas por idades: no Maternal, crianças de 1 ano e meio à 3 anos de idade e no Jardim, crianças de 3 à 6 anos de idade.

Nas escolas que trabalham com a Pedagogia Waldorf, as memórias coletivas são valorizadas com a oportunidade de unir numa turma diferentes idades, pois para esta proposta de educação as crianças pequenas precisam aprender com as maiores,

¹ Jardim – crianças de 3 à 6 anos de idade.

² Tricô de dedo é feito de lã, usa-se os dedos para dar os pontos.

³ A professora falou a palavra finamento para explicar a motricidade fina.

através também da narração, por isso a importância desse contato, para ensinar a pular corda, subir em árvore. Na escola, todos são aprendizes o tempo inteiro. Podemos encontrar aqui os conceitos principais da filosofia de Benjamin (1984), quando fala da experiência, da memória e da narrativa. Que a experiência será singular para quem viveu, mas que é ressignificada para o outro através da narração. Aponta o empobrecimento da experiência no mundo moderno, mas, ao mesmo tempo, mostra a reconstrução do conceito de experiência através das narrativas com as memórias coletivas. Reflexão importante para o processo de escolarização que vê nos agrupamentos iguais e com pobreza de interações entre idades, um problema a aprofundar nas formações de professores.

No primeiro dia no curso, tivemos a oportunidade de conhecer toda a escola. As salas parecem mini casas e é essa a intenção mesmo, que a escola tenha mais aspecto de casa do que de escola. Que seja um lugar de convite e agradável. E que seja agradável estar nesse ambiente. Me senti como se estivesse na casa da minha avó paterna, sentindo o cheiro de cera no assoalho e o cheiro de pão assando no forno, misturado com uma paz que vinha do vento batendo nas cortinas das janelas.

Figura 2 – Escola Casa Amarela.



Fonte: Registro da autora

Com acolhimento e calma, fomos convidadas pela professora Mônica⁴ do Jardim a amassar pão, vivência que é realizada uma vez por semana com a turma, assim como toda semana tem um dia para pintar aquarela, para a contação de história. Walter Benjamin acredita que a repetição é fundamental para a construção de experiência para a criança, “a repetição é a alma do jogo, nada a alegra mais do que o mais uma vez [...] e de fato toda experiência mais profunda deseja insaciavelmente

⁴ Professora de jardim de infância. Ela estava usando uma saia longa, que simboliza o redondo, a maternidade e o acolhimento.

até o final das coisas, repetição e retorno”. (BENJAMIN, 1984, p. 74). Que a repetição, o retorno, o fazer algo novamente até o final das coisas faz com que a experiência seja mais profunda. O autor acrescenta que o contentamento do adulto com a experiência é através da narração e que para a criança é através da repetição.

No contato direto da mão na massa, fomos lembrando a nossa infância e fazendo perguntas sobre o dia a dia da escola. A professora explicou que a sensorialidade e a autonomia corporal da criança são trabalhadas de modo natural, como ir ao banheiro, aprender a sentir o corpo e as necessidades. O espaço precisa ser um convite à criança. Ela, também, falou da importância do brincar livre, que para isso ocorrer é preciso ter ambientes, materiais e adultos que façam esse ambiente. Que é no brincar que a criança consegue colocar para fora tudo o que vive nela. Que a não interferência do adulto na brincadeira, não significa sair do ambiente, mas ter um adulto observando esse brincar, o som e os gestos.

Larrosa (2002) traz a reflexão que o sujeito da experiência é um sujeito que se expõe e não se impõe, ou seja, que passa pela existência, não pela imposição, que é capaz de simplesmente existir, se formar e se transformar. Larrosa também traz que o saber da experiência é particular, que a experiência não é o que acontece, mas sim o que nos acontece, o que nos toca. Que muitas coisas acontecem igualmente para várias pessoas, mas a experiência é individual, cada um sente da sua maneira. Larrosa ressalta que “[...] a experiência não é o caminho até um objetivo previsto [...] mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem pré-ver nem pré-dizer” (LARROSA, 2002,p. 28).

A professora nos trouxe a reflexão “O que a criança faz essencialmente? Ela cria!”. O criar é individual, cada um tem uma expressão e para criar é preciso fazer algo diferente. A criança nasce com uma força de vontade e com capacidade para ter iniciativa na criação. O que mais ativa o seu pensar são as mãos, os sentidos atuam no pensar do ser humano.

Durante a tarde, refletimos sobre a nossa observação das crianças e os balanços do pátio. É preciso ter paciência para olhar para a criança e deixar ela contar o que precisa. Para observar é preciso construir um conhecimento vivo: observar a criança, o balanço e, a professora, também se permitir balançar nesse balanço. Ver o período de tempo e a evolução da criança no balanço. Nessa experiência de observação realizamos um exercício coletivo onde fomos desafiados a analisarmos todos os balanços que havia no pátio: no balanço de galhos, era preciso coragem e

criatividade; no balanço do tronco, estreito, era preciso ter equilíbrio; e no balanço estrela, era preciso ter peso para equilibrar e parceria para girar.

O filósofo Walter Benjamin defende que a criança ensina os educadores e, quando inserida em contextos educacionais, ela tem o direito de viver a sua infância. Ele fala sobre a história cultural dos brinquedos, em que momento os brinquedos artesanais são substituídos pelos industrializados, que o adulto arquiteta um brinquedo na visão do adulto e não na visão da criança: “Pois quanto mais atraentes são os brinquedos, no sentido usual, mais se afastam dos instrumentos de brincar; quanto mais eles imitam, mais longe eles estão da brincadeira viva” (BENJAMIN, 1987, p. 247). O autor afirma que, a criança é capaz de brincar, de criar, independente do brinquedo, construindo assim a sua história através do mundo em que está inserida.

Na escola Waldorf não tem brinquedos de plásticos. Os brinquedos são com materiais naturais, como madeira, alumínio e tecido, oportunizando às crianças o contato com materiais de “verdade” e a criação por meio deles.

Figura 3 – Escola Casa Amarela



Fonte: Registro da autora

No segundo e último dia do curso, nós conhecemos a professora Liandra, do Maternal. Ela falou da importância do olhar, que é essencial ter um olhar mais atento. Na escola Waldorf há ritmo, diferente de rotina, pois o ritmo é acolhedor, é estar inteiro, fazer repetição para passar segurança e tranquilidade. Que é preciso ter tempo para incorporar, formar corpo e que a repetição constrói o corpo. O espaço da escola não permite que a criança entre numa rotina, o espaço faz com que tenham liberdade para entrar no ritmo. Achei interessante que a música faz parte desse ritmo, acompanhada por gestos convidativos para participar do que está sendo proposto no momento. Como quando se faz o pão, tem uma música, quando vai para o pátio e quando

retornam à sala para ouvir uma contação de história, sempre há uma música, tornando cada convite acolhedor e seguro.

Os adultos precisam olhar a potência da criança como ela é e não como o adulto quer que ela seja. Na escola Waldorf as crianças vivenciam. O conhecimento vivo é aquilo que a gente vivência, é o experimentar próprio. E nós, como adultos, precisamos ser os guardiões da consciência da criança. Deixar ligar o corpo com a cabeça. A criança vai experimentar até onde ela pode, porém, o adulto quer dar esse limite, querendo ter controle de tudo.

A professora Liandra⁵ trouxe a reflexão: “Qual o papel da nossa memória para trazer para as nossas crianças? Que marcas a gente quer que as nossas crianças tenham?” Ela nos convidou para brincar no espaço externo da escola, pois é preciso refletir o brincar, brincando. Olhar a nossa infância para olhar a criança.

A professora Liandra escreveu o livro *Passadouros: Aprendizagens sobre as passagens e as paisagens da primeira infância*. (RIBEIRO, 2017). A obra foi fruto da pesquisa sobre o Centro de Estudos da Casa Amarela. Ela observou que uma das professoras do Maternal fazia circuitos e as crianças gostavam de brincar nesse espaço montado por ela. Kishimoto (2016) destaca que para John Dewey a experiência faz parte da natureza humana, desde o nascer e, conforme a criança vai crescendo, vai surgindo a reflexão, indagando sobre situações da realidade. Acrescenta que para Dewey a experiência é um ato de inteligência, na qual a criança é oportunizada a pensar e dar continuidade nesse pensamento, ou seja, a experiência precisa de continuidade, de tempo para a criança poder pensar, repensar e continuar a experiência, permitindo, assim, o crescimento do conhecimento.

Foi nessa observação da professora que surgiu a reflexão da importância dessa brincadeira para o desenvolvimento da criança. As estruturas montadas pelas crianças, no olhar da professora, se tornaram uma pista para entender mais sobre as crianças e o seu corpo. Toda semana eram montadas diferentes estruturas pelas professoras e pelas crianças, dando continuidade as experiências.

Durante a pesquisa a professora percebeu que o nome tradicional para a brincadeira era descabido, que para representar a brincadeira viva e convidativa, passou a se chamar *passadouros*.

⁵ Professora do Maternal da Escola Casa Amarela.

Aprecio muito a palavra pista, mas não no sentido corriqueiro de trajeto onde passam carros, motos e aviões, mas naquele sentido ligado à investigação, à pesquisa, aos mistérios que queremos desvendar e conhecer. Se cada ser é um enigma diante de nós, que sua passagem por nossas vidas, a cada encontro, deixe sempre pistas sobre as quais podemos nos debruçar e trabalhar para melhor nos relacionar, fortalecer nossos vínculos e ajudar-nos uns aos outros em nossa caminhada. (RIBEIRO, 2017, p. 15)

Como a música faz parte da escola Waldorf, com os passadouros não seria diferente. Foi criada uma música que cita o nome das crianças, tornando mais convidativa a participação na brincadeira. “Passa, passa gavião, todo mundo passa [...] Passa, passa gavião, todo mundo passa [...] A Carolina passa assim [...] a Maria passa assim, o Matias passa assim [...] assim, assim [...]”.

E dessa forma, as participantes do curso formam convidadas a brincar nos passadouros. Imitando a professora nos caminhos, caminhando de cócoras, caminhando de costas, pulando na corda, se equilibrando nos pneus, se pendurando no tronco, passando por um cantinho estreito, caminhando e pulando (adorava fazer na minha infância, como era bom sair pulando, sentir o coração pulsar de alegria). Foi gratificante ter essa oportunidade de experimentar as brincadeiras das crianças, de poder criar diferentes formas de passar pelos caminhos dos passadouros. Precisamos nos apropriar do corpo, do movimentar. E o passadouro proporciona isso, é o brincar livre. É a liberdade do movimento, confiar na sabedoria interna e se movimentar.

Andanças por Novo Hamburgo - RS

Durante esse ano também tive a oportunidade conhecer uma escola de Educação Infantil pública, situada no município de Novo Hamburgo, a Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI Aldo Pohlmann. Uma escola que me tocou com a sensibilidade pela infância, diferente de muitas escolas que são inimigas da experiência. Entender o conceito de “inimigas da experiência” proposto por Larrosa (2002), me ajudou a compreender e refletir sobre o que realizam as crianças nas escolas de Educação Infantil que podem ou não contribuir para a experiência, para uma educação na escola da primeira infância que pode transformar, tocar e sensibilizar. A Escola Aldo Pohlmann parece que encontrou um sentido, que muito me entusiasmou a seguir nesta busca.

Larrosa (2002) exemplifica essas inimigas da experiência, quando apresenta os “excessos” que fazem com que tenhamos poucas experiências no mundo contemporâneo. O primeiro é o excesso de informação. No mundo temos muitas informações, porém, informação é diferente de conhecimento. Esse excesso de informação nos causa uma falta de experiência, o sujeito da informação procura sempre estar bem informado, mas falta conhecimento e sentido que possibilite uma transformação.

O segundo é o excesso de opinião. O autor diz que a educação e a sociedade exigem que tenhamos opinião sobre tudo, fazendo com que os indivíduos sem uma opinião bem formada, criticados. Para Larrosa (2002) o excesso de opinião é preocupante, pois são pautadas em informações compartmentadas e reduzidas, podendo prejudicar uma compreensão mais aprofundada da realidade.

O terceiro excesso é da falta de tempo. Nós fazemos muitas coisas durante o dia, estamos sempre ocupados e com falta de tempo para termos experiência. Essa velocidade do mundo moderno pode impedir de ter memória, pois as coisas são tão imediatas, um acontecimento logo já é substituído por outro, que acabamos nos tornando sujeitos de constante atualização. Assim, o tempo é uma mercadoria, que não pode ser perdida e nem mal aproveitada, guiada pelo passo acelerado, para não perder tempo. O autor compara esse excesso com a organização do currículo escolar, cada vez mais numeroso em conteúdo.

O quarto excesso é o de trabalho. Quanto mais trabalhamos, menos experiências temos, pois uma rotina de trabalho engessada faz com que nos distanciamos de ter experiências, visto que a rotina repetitiva não nos permite experimentar algo novo.

Larrosa (2002) traz o conceito de sujeito da experiência:

Esse sujeito não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (LARROSA, 2002, p. 24)

Na EMEI Aldo Pohlmann não encontrei “excessos”, mas sim comprometimento com a educação infantil. A escola atende crianças de 2 à 3 anos de idade. Cada turma

tem a sua sala. Todas as salas são organizadas por cantos temáticos. As prateleiras com rodinhas, oportunizam a mudança de canto, de um lado tem bonecas, no outro é a cozinha, do cabelereiro, da barraquinha, da pintura.

O café da manhã é feito na sala. Alguns almoços são na sala, outros no refeitório e as crianças têm autonomia para se servirem. No momento do soninho, as crianças dormem na sala e vão acordando aos poucos, sem horário exato para despertarem. Tudo é feito com maior tranquilidade, respeitando o tempo da criança. Sem pressa e sem pressão de horário. Não há horário de pátio e as turmas podem ficar juntas no pátio, oportunizando integração.

É tudo tão pensado para as crianças que as professoras perceberam que no momento da higiene depois das refeições, não tinha um espaço acolhedor para as crianças que estavam esperando a sua vez. Pensando nisso, elas montaram um espaço ao lado do banheiro, onde as crianças podem sentar, deitar e ver um livro enquanto esperam a sua vez.

Kishimoto (2016) diz que Dewey criticava escolas que se preocupavam somente com as matérias do currículo, pois dessa maneira as escolas deixavam a realidade das crianças de lado, focando a vida e as experiências das crianças engessadas ao currículo.

O filósofo Dewey defendia que a abordagem da experiência das crianças acompanha os fatos e os interesses que levam a aprendizagem. Ele percebe que a experiência da criança é essencial como ponto de partida, para então encaminhar aos conteúdos do currículo. E que essas experiências devem ser registradas para ser um apoio de análise, tanto para o adulto como para a criança, tornando-se parte do processo de ampliação do conhecimento.

Na EMEI Aldo Pohlmann, talvez por ser uma escola de Educação Infantil, exista uma maior possibilidade de não concentrar os esforços nas matérias do currículo, como aponta Dewey, pois o currículo da Educação Infantil deve ser sustentado pelo brincar e pelas interações, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (2010). O melhor lugar para isso é o pátio. Vi nessa escola um pátio onde as crianças ficam por muito tempo. Um pátio grande, todo de chão batido, com diferentes materiais que favorecem a autonomia da criança e principalmente, oportuniza a criança criar. Numa parte dele tinha um canto da cozinha, com panelas de alumínio e um forno de verdade. Na outra parte, vários tocos de madeira no chão, formando um círculo, esse espaço é o da fogueira. Sim, fogueira na

escola. As crianças olham e sentem o calor do fogo de verdade, com a supervisão das professoras.

Em outra parte do pátio, um morro feito com um cano grande de concreto, madeira e terra. Esse morro foi construído com a ajuda dos pais. Um menino subia e descia correndo, com uma agilidade corporal admirável. Esse morro foi criado para oportunizar exatamente isso, que as crianças possam subir e descer, como se estivessem em uma lomba.

Figura 4 – EMEI Aldo Pohlmann.



Fonte: Registro da autora.

Percebi que nessa escola os espaços são pensados pelos professores para que tenham sentido produzindo efeitos de curiosidade, de mobilidade, de fantasia, de exploração e de contato com a natureza.

A relação da experiência e do conhecimento me pareceu ser o que vivem as crianças no seu cotidiano nessa escola. Redes dispostas num pergolado, um labirinto de arbustos no qual crianças vivem experiências de acolhimento, descobertas, invenções, correrias, esconderijos, construindo autonomia, linguagem, aprendizagem.

Essas andanças pelas escolas me fizeram ampliar o olhar, como se em cada escola, uma lente a mais fosse colocada em meus olhos, fazendo o meu olhar ampliar e a minha esperança por uma educação sensível se fortalecer. Visitar essas escolas, me passou uma segurança do sim. Sim, é possível ter uma educação infantil pensada para a criança, para a sua criação e para as suas experiências.

BUSCA POR CAMINHOS DA EXPERIÊNCIA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017) complementou o meu estudo sobre experiência na educação infantil. A Base é um norte para a prática

educativa, sendo um documento mandatório para orientar a construção dos currículos, com a intenção de garantir os mesmos direitos para todas as crianças.

Diferente de muitos currículos nos quais o professor decide o que a criança deve alcançar, a Base mostra o que cada criança tem direito ao frequentar uma escola de Educação Infantil. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI (2010) definem o currículo como:

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2010, p. 12).

A Base não está centralizada num conhecimento específico, como uma disciplina, mas sim na experiência da criança, no Ser que constrói um sentido para o conhecimento do mundo.

As Diretrizes também trazem a definição da criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Ou seja, a visão sobre a criança como ser incapaz, que não pensa, que somente recebe o que o adulto determina, já é uma visão antiga. A própria Diretriz e a Base falam da criança como ser capaz de construir conhecimento e sentido para a sua vida. É preciso que todo professor esteja ciente sobre isso, para que o seu planejamento esteja aberto para as contribuições e pesquisas sobre as crianças.

A Base também exemplifica o que já é dito nas Diretrizes sobre os eixos norteadores do currículo das práticas pedagógicas da Educação Infantil, que são as Interações e Brincadeiras. A interação durante o brincar possibilita:

[...] experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização. (BNCC, 2017, p.35).

Dessa forma, foi pensado nos seis Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil: Conviver, Brincar, Participar, Explorar,

Expressar e Conhecer-se. Os direitos explicam as formas de aprendizagens que as crianças têm para construir um sentido no mundo.

Considerando os eixos estruturantes e garantindo os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, a Base está estruturada por cinco Campos de Experiências: “O eu, o outro e nós”, “Corpo, gestos e movimentos”, “Traços, sons, cores e formas”, “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.

Esses campos de experiências são pensados para todo o contexto da educação infantil. Na cozinha, nos corredores, ir ao banheiro, o contato com outros espaços da escola. Uma pesquisa ou um planejamento pode ter mais de um campo de experiência. Pode ser que um Campo de Experiência esteja mais evidente, mas nunca vai estar separado, um está sempre integrado com o outro.

Juntamente com os Campos de Experiências, estão também os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento divididos em três grupos por faixa etária: Bebês (0 a 1 ano e 6 meses), Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

A BNCC diz: “[...] esses grupos não podem ser considerados de forma rígida, já que há diferenças de ritmo na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças que precisam ser consideradas na prática pedagógica”. (BNCC, 2017, p. 42). A Base já nos explica que não devemos nos deter diretamente a esses objetivos. É preciso pensar no que é proposto para as crianças considerando os direitos, logo relacionando com os campos de experiências e no sentido que a experiência fez para a criança, para só depois ver qual objetivo a criança construiu com determinada vivência e oportunidade.

Senti falta de ver na Base uma escrita que esclarecesse mais sobre a experiência, já que é falado por Campos de Experiências, ficaram “omitidas” algumas explicações que contribuem para que a experiência seja vivida e realizada realmente.

Começando pelo tempo. O tempo é algo primordial para a contribuição da experiência. Uma proposta com tempo curto, raramente vai proporcionar experiência, vai simplesmente passar e não tocar a criança. A nossa percepção quando criança sobre o tempo é muito diferente da nossa percepção quando adulto. O adulto tem uma necessidade de querer acelerar o desenvolvimento. Para quê? Que sentido vai ter para a criança passar a tinta na mão e apenas carimbar uma folha? Por que não ter a calma de deixar a criança sentir a textura da tinta, sentir o cheiro da tinta, pintar da

forma que ela desejar, carimbar quantas vezes ela quiser e se ela quiser? Já ouvi de algumas professoras que dessa maneira não dá tempo de fazer numa manhã com toda a turma. Mas por que a pressa se temos a semana inteira? Faça com pequenos grupos!

Temos uma cultura de que o professor precisa de novidades todos os dias. Não pode repetir a mesma programação, sob o risco de ser julgado como não criativo. Vemos aí um engano no sentido de que a repetição da atividade pode levar às crianças a terem novas possibilidades de experienciar o já realizado num outro dia, num novo momento, podendo dessa forma ressignificar o já vivido e, nesse sentido, uma nova experiência pode ser vivida, sentida.

Percebo que necessitamos refletir com mais profundidade a relação do tempo. O que significa o tempo para você? Rosset, Rizzi e Webster (2017) explicam os três conceitos de tempo na escola segundo os antigos pensadores gregos:

Chrónos é o tempo cronológico, que pode ser medido. Está associado ao relógio e aos fenômenos físicos, como princípio e fim. Aplicado ao cotidiano, são os horários da rotina da escola e da família. É motivo de tensão do professor que tenta adequá-lo aos tempos e da família. *Kairós* é o momento indeterminado em que algo especial acontece, ou o tempo da oportunidade. É o tempo da relação do professor com sua turma, quando está presente e preparado para intervenções que ampliem as possibilidades de mediação do conhecimento. *Aion* é o tempo sagrado e terno. Sem uma medida precisa, é o tempo da criatividade, da inspiração, no qual as horas não passam e independem do relógio físico. Ele escapa ao controle e é a dimensão da criança que brinca, imagina e inventa. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p. 15)

Rosset, Rizzi e Webster (2017) dizem que as crianças aprendem no tempo *Aion*, quando imergem nas experiências, concentrados nas suas curiosidades e brincadeiras. É nessa ação que criam sentidos, mas também tem no dia a dia das escolas o tempo *Chrónos*, querendo organizar a rotina. As crianças aprendem a temporalidade com ele, ao acordar, nas refeições, nas brincadeiras, no momento de chegar e de ir embora.

Outra questão que careceu de estar na BNCC da Educação Infantil e que Kishimoto (2016) faz um destaque relacionado aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil, principalmente direcionado aos bebês, é a afetividade e o bem-estar:

Bebês são vulneráveis, não tem condições de se responsabilizar pela própria educação e cuidado, mas tem direito ao contato amoroso, às interações com objetos e pessoas e à expressão de sentimentos - de bem-estar, que geram ações de aprendizagens como prestar atenção, expressar alegria, tranquilidade, interesse na exploração do ambiente. (KISHIMOTO, 2016, p. 22)

Kishimoto (2016) explica que na interação é possível criar condições de aprendizagens, quando o adulto responde ao desejo do bebê através de um olhar, um sorriso ou uma palavra. O que é imprescindível para todo o ser humano, a interação afetiva. A autora acrescenta ainda:

Seria desejável a definição de direitos de aprendizagem relacionados ao apoio interativo, de natureza afetiva, especificamente relacionadas ao bem-estar, devido sua relevância para a educação de bebês e que não estão presentes nem nos 12 direitos de aprendizagem da BNC e nem nos seis direitos de aprendizagem especificados para a educação infantil (conviver, brincar, participar, explorar, comunicar e conhecer-se). (KISHIMOTO, 2016, p. 22)

Flores e Tiriba (2016) fazem uma crítica a BNCC da Educação Infantil referente à relação entre Natureza e os seres humanos:

As versões divulgadas da BNCC evidenciam a realidade de que continuamos a educar as crianças como se não houvesse emergência planetária. De fato, não há, mesmo no documento relativo à educação infantil, ênfase em experiências que assegurem um cotidiano de interações afetivas e de apego à natureza (TIRIBA E PROFICE, 2012) e de um consequente cuidado com a vida na Terra! (FLORES E TIRIBA, 2016, p.173)

A Natureza instiga experimentações, logo deveria ser explorada e explicada na BNCC. Fala de uma forma genérica que se deve ter contato e cuidado com a Natureza, com pouca explicação na ementa do Campo de Experiência e poucos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que priorizem a Natureza.

Precisamos valorizar e permitir que a criança tenha o direito de brincar e pesquisar no contato real com a Natureza, não somente para uma atividade específica, mas diariamente, oportunizando a continuidade da experiência. Assim como o labirinto da EMEI Aldo Pohlmann, que está lá todos os dias, a disposição das crianças para suas brincadeiras de corridas e de esconde-esconde, proporcionando contato direto com a Natureza, chão de terra e verde para uma relação próxima e

cuidadosa com as formas de expressão não humanas, termo utilizado por Tiriba (2018).

Rosset, Rizzi e Webster (2017) trazem uma reflexão, “Atividades como fazer vasinhos de feijões, trazer um tatu-bola para a sala ou pintar e colar folhas não substituem o contato mais íntimo e legítimo com a natureza. Seria o mesmo que conhecer o mar por meio de um aquário!” (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p. 88)

É preciso sentir o ar livre, o sol, tocar as diferentes plantas, cheirar os diversos aromas, sentir a textura da terra, da areia, da terra molhada, da água, ver as transformações das árvores, das flores, ter a oportunidade de acompanhar a formiguinha que carrega folhas para o formigueiro, imaginado o que deve ter lá dentro. Como na Escola Acalento, quando as crianças pesquisam como o pintinho sai do ovo. São vivências como essa que oportunizam a experiência de sentir. Como dizem Rosset, Rizzi e Webster (2017), a natureza como território de experiência acompanha as brincadeiras e pesquisas, na consciência ambiental e nas aprendizagens de conhecer e pertencer. Cruz (2005, p. 92) acrescenta que “É na vivência, cuidado e respeito ao meio ambiente, que as crianças vão construindo e internalizando uma ecologia viva, percebendo-se como integrantes à Natureza, ao todo maior, preocupadas com a preservação da natureza e da espécie humana”.

A VOLTA PARA CASA: NOVAS BAGAGENS PARA OS CAMINHOS DA REALIDADE

Após os diálogos que tentei realizar entre os autores citados, as viagens narradas e o estudo da BNCC, uma nova viagem se apresentou. Convidei as professoras da Escola⁶ na qual trabalho a fazerem uma pesquisa e reflexão da prática. Três professoras se mostraram interessadas, uma professora do Berçário 2 (crianças com idade de 1 a 2 anos), uma professora do Maternal 1 (crianças com idade de 2 a 3 anos) e uma professora do Pré 1 (crianças de 4 a 5 anos de idade).

Entreguei para cada professora uma pasta com a escrita que realizei dos autores, um caderno e uma caneta para anotações, e pedi que olhassem de forma sensível para o inesperado das crianças, quais os interesses que elas tinham, propor algo com continuidade para a curiosidade das crianças, e principalmente, que fizesse

⁶ Escola Municipal de Educação Infantil localizada no município de Cachoeirinha.

sentido para as crianças. Trouxe a seguinte reflexão: Como proporcionar que em nossa proposta político pedagógica as crianças tenham experiências no sentido que os autores Larrosa, Benjamin e Dewey trazem?

Ao final da escrita acrescentei algumas dicas para que as experiências fossem permitidas: Observem as crianças. Observar no sentido de olhar, com um olhar aberto ao inesperado. Olhar os gestos, os sons, as falas, os seus interesses; Tenham sensibilidade no olhar, ver além do que os teus olhos querem ver, ver o que as crianças querem te mostrar; Tenham paciência com o tempo. Desacelerar para permitir que a experiência seja de fato vivida; Permitam a criação. Oportunizem ambientes e materiais que proporcionem a iniciativa e criação das crianças; Antes de trazer uma proposta para as crianças, pensem, no que isso irá contribuir para a vida da criança. Que marcas a minha prática está deixando na criança, na sua memória; Façam registros das falas, dos gestos, valorizem o simples. As vezes o simples não está no nosso olhar e sim no olhar da criança. O simples pode ser uma grande conquista, uma grande descoberta. Só o registro é capaz de mostrar e valorizar isso; E por fim, permitam-se. Permitam-se serem as professoras que irão contribuir para as experiências nas infâncias.

Depois de uma semana, reuni as três professoras e relatei as minhas memórias e fotografias das escolas de São Leopoldo, Florianópolis e Novo Hamburgo. Fizemos uma análise da escrita dos autores e de que forma poderiam contribuir para a nossa prática e, por fim, fizemos outra análise da BNCC, que já vem sendo estudada nas formações mensais.

A professora Márcia⁷ do Berçário 2, com idade de 1 a 2 anos, observou que os bebês apreciavam empilhar peças para depois derrubar. Todo o grupo se envolvia nessa brincadeira, de empilhar e derrubar. Eles também se mostravam interessados pelos materiais que estavam à disposição no pátio (madeiras, areia, pedra, serragem, panelas) e também pelos objetos não estruturados. Pensamos em oferecer diferentes materiais para que as crianças continuassem a brincadeira de empilhar e derrubar. Ela ofereceu latas de leite em pó, potes de margarina e iogurte, caixas de sapato, caixas de leite e blocos.

⁷ A professora Márcia trabalha no Berçário 2 e está na escola há 19 anos.

Figura 5 - Experiência com blocos.



Fonte: Registro da professora Márcia.

Figura 6 - Experiência com as latas, os potes de margarina e de iogurte.



Fonte: Registro da professora Márcia.

Figura 7 - Experiência com caixas de sapato e caixas de leite.



Fonte: Registro da professora Márcia.

Figura 8 – Serragem no pátio.



Fonte: Registro da professora Marcia.

Após a proposta a professora relatou que:

“Eu adorei os autores Jorge Larrosa, Walter Benjamin e John Dewey. Não os conhecia antes da nossa colega articuladora Manuella Valim nos propor a leitura dos textos. E da proposta da pesquisa de campo de refletir e analisar o nosso conceito de experiência e fazer uma análise como podemos trazer para a nossa prática os conceitos de experiências conforme os autores. Muito dessas opiniões veio ao encontro do que eu já pratico no meu dia a dia em aula. Fiquei muito feliz em saber que estou no caminho certo que a minha prática dessa forma condiz com os textos dos autores. Que a criança através da experiência está fazendo, criando, manuseando, construindo, rabiscando, pintando, repetindo, montando, desmontando... e vai internalizando, vivenciando o conhecimento dela. Vai construindo as suas memórias nas repetições. Por isso a criança sempre quer o de novo quer brincar refazer ouvir de novo. Por isso a importância de dar tempo e fazer de novo, deixar a manusear fazer do seu jeito, construir e desconstruir para ampliar o seu conhecimento. E observando as crianças nesse processo pude ver coisas lindas que elas demonstraram no seu brincar: brincando com diversas caixas vazias empilhando alto e depois derrubar dando gargalhadas coletivamente e repetir várias vezes o processo Feliz.

Realizamos outras experiências: com almofadas, onde as crianças observaram e depois aos poucos se deitaram nelas e na final estavam carregando de um lado para outro jogavam-se em cima delas, fazendo montanha e se jogavam um por se divertindo. Pintura do nosso castelo de caixas de leite, no início foi com pincel mas no final foi com as mãos sorrindo se divertindo alegres com tinta nas mãos, nos braços e rosto. Mexer com areia e terra, as crianças se concentram brincam de colocar num balde depois passam para a panela carregam para cima e para baixo com muita atenção. Plantamos mudas de plantas árvores, flores e morangos com entusiasmo e atenção das crianças que manuseamento a terra com satisfação e curiosidade plantaram a mudinhas, arrancaram, depois plantamos de novo. As plantações são regadas todos os dias, com alegria todos querem usar o regador.

Observo que nessa turma que todos têm fascínio por brincar com terra, areia, tintas coloridas, madeiras, cordas. Acredito que essas experiências eles vão levar para a vida, acredito também que é

prazeroso para a criança, assim como também para nós professoras ver elas felizes se envolvendo com alegria nessas experiências levando esse conhecimento para si. Adorei participar dessa pesquisa.”

A professora Roberta⁸ do Maternal 1, com idade de 2 a 3 anos, relatou que as crianças demonstravam interesse por objetos não estruturados. Quando eram propostos brinquedos de plástico a turma ficava mais agitada e aconteciam algumas brigas por disputa de brinquedo, mas quando eram propostos blocos de madeira e os materiais do pátio (areia, pedra e serragem) as crianças ficavam mais interessadas, não aconteciam conflitos, pois todos estavam envolvidos com os materiais não estruturados. A partir disso, ela observou que tanto na praça, no pátio e na sala, as crianças se mostravam interessadas e envolvidas com os materiais não estruturados, em especial pela areia. Ela ofereceu areia colorida para eles explorarem na sala. Na praça, as crianças manusearam a própria areia do chão, surgindo interesse em fazer buraco na areia.

Figura 9 - Experiência com areia colorida.



Fonte: Registro da professora Roberta.

⁸ A Professora Roberta trabalha no Maternal 1 e está há 4 anos na escola.

Figura 10 - Experiência com areia da praça.



Fonte: Registro da professora Roberta.

Após a proposta a professora relatou:

“Trabalho na área da Educação Infantil há oito anos e, desde então, sempre realizei atividades que, para mim, pareciam extremamente interessantes e relevantes. Sempre gostei e me dediquei ao que fazia, pois estar com meus alunos não era apenas um trabalho e sim um momento de prazer, mas neste ano a situação se modificou quando recebi uma turma de Maternal 1, nível ainda pouco conhecido por mim, visto que até o momento já havia trabalhado mais vezes com as turmas de Pré. Juntamente com esta turma vieram inúmeras descobertas e, em especial, a descoberta do verdadeiro significado de realizar experiências, situações que até então para mim eram apenas atividades. Começar a perceber o que realmente seria interessante para as crianças, aquilo que realmente as tocava e fazia sentido para elas, tornou o meu dia a dia mais agradável, fez com que eu também conseguisse perceber qual o sentido de estar ali e, portanto, possibilitar que as crianças realizassem suas experiências. Nossas experiências deixaram de envolver papéis e mais papéis para envolver areia, água, barro, caixas, entre outros, ao invés de dizer às crianças o que fazer, passamos a permitir que elas olhem, experimentem e decidam o que fazer e se realmente desejam envolver-se com o que foi proposto”.

A professora Alexandra⁹, do Pré 1, idade de 4 a 5 anos, relatou que as crianças demonstravam interesse pelas tintas, que sempre no dia que era proposto tinta, as crianças adoravam, porém algumas demonstravam “nojo” em encostar a tinta na pele, queriam pintar com a tinta, mas não queriam encostar. Pensamos em apresentar diferentes formas de manusear as tintas e fazer diferentes tipos de tintas. A professora propôs para as crianças pintarem com tinta guache e plástico bolha, usando os pés e as mãos. Para dar continuidade na pesquisa da tinta e nas diferentes formas de pintar,

⁹ A Professora Alexandra trabalha com o Pré 1 e está há 2 anos na escola.

a professora levou uma massa de farinha, onde as crianças acrescentaram anilina e pintaram com palito de picolé.

Figura 11 - Experiência com plástico bolha e tinta.



Fonte: Registro da professora Alexandra.

Figura 12 - Experiência com plástico bolha e tinta.



Fonte: Registro da professora Alexandra.

Após a proposta a professora relatou:

“Acreditando no valor de novas descobertas com as crianças, realizei algumas experiências com as mesmas. Estas experiências que realizei com a minha turma, proporcionou muitas descobertas para mim e para as crianças, todas adoraram essa forma de pintar diferente. Como professora, realizar essas experiências que não tinha pensado em fazer com as crianças, foi muito bom, quero continuar realizando com mais tempo e com muita calma. Desta maneira, proporcionamos vivências e conhecimentos, de modo integrado,

possibilitando que cada criança possa se expressar de forma lúdica e criativamente”.

Está sendo um ano diferente para a escola em que trabalho, pois algumas professoras estão desacomodando-se. Não é fácil para um grupo que está acostumado a trabalhar anos da mesma forma, mas o importante é que uma parte do grupo está aberta para o estudo da infância na Educação Infantil e estão levando isso adiante, para além das suas salas, mostrando para as outras colegas que é possível.

TRANSFORMADA, TOCADA... A VIAGEM CONTINUA

Durante esses novos caminhos viajantes que percorri, fiz algumas anotações de “proposições” que acredito serem importantes para oportunizar a experiência a partir dos conceitos dos autores em estudo. “Ter sensibilidade” para observar e perceber os desejos da criança, oportunizar um ambiente com segurança e afetividade, no qual a criança possa realizar suas pesquisas e suas descobertas. Que o professor tenha a capacidade de compreensão dessa importância.

A “criança capaz” é um ser curioso e pesquisador, que tem iniciativa para explorar, pesquisar, brincar, descobrir e transformar:

Um ponto, entre muitos, parece-nos ser fundamental e básico: a imagem das crianças. O marco de nossa experiência, baseado na prática, teoria e pesquisas, é a imagem das crianças como ricas, fortes e poderosas. A ênfase é colocada em vê-las como sujeitos únicos com direitos, em vez de simplesmente com necessidades. Elas têm potencial, plasticidade, desejo de crescer, curiosidade, capacidade de maravilhar-se e o desejo de relacionarem-se com outras pessoas e de comunicar-se. Sua necessidade e direito de comunicar-se e interagir com outros emerge ao nascer e é um elemento essencial para a sobrevivência e identificação com a espécie. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 114).

Oportunizar o “brincar” espontâneo. Através das brincadeiras as crianças conseguem se expressar, conviver, criar, ensinar e aprender. Ter um olhar interessado para as brincadeiras espontâneas, como forma de compreender as histórias contadas através dessa linguagem própria da criança, que é o brincar, e com isso fazer intervenções que as ajude nesse processo de desenvolvimento.

Dar “tempo”, tentar desacelerar. Não preencher uma manhã ou uma tarde com diversas atividades que vão acabar sendo rápidas e sem sentido. Tempo para criar “memórias, recordações” da infância. Fazer registros, valorizando esse percurso e as diversas experiências que tocaram as crianças, deixando, até mesmo, marcas para a vida. Rosset, Rizzi e Webster (2017) trazem uma explicação sobre a experiência:

O mundo que as toca é aquele que pode ser aprendido. “Tocar”, nesse sentido, pode ser explicado pela linguagem musical. Uma nota tocada reverbera no ambiente, sensibiliza os ouvidos e provoca sensações, emoções e memórias em quem a ouve. Pensar em oportunizar experiências para as crianças é como tocar música: tem de sensibilizar, fazer sentido, provocar questionamentos e ativar transformações. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p. 23).

Durante os meus caminhos, percebi que muitas escolas precisam desacomodar das velhas práticas de ver a Educação Infantil como lugar de preparação para o Ensino Fundamental. Essas viagens e pesquisas me mostraram a Educação Infantil como um lugar da experiência. Um lugar com direitos de aprendizagem e desenvolvimento, com participação ativa das crianças, como um ser construtivo das experiências nas quais estão envolvidos.

E dessas viagens ficam as lembranças e as bagagens de grandes descobertas para a minha trajetória pedagógica, onde pude conhecer escolas e pessoas que sustentam as aprendizagens das crianças de forma a respeitar a infância. Foi maravilhoso ampliar o meu olhar! Sei que ainda tenho muito a aprender e a pesquisar. Que venham as próximas viagens! Porque seguir é preciso.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 2. ed. Tradução Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular–BNCC**. Brasília, DF, 2017.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

CRUZ, Maria Cristina Meirelles Toledo. **Para uma Educação da Sensibilidade: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos**. Dissertação de Mestrado, ECA / USP, São Paulo, 2005.

FLORES, Maria Luiza Rodrigues; TIRIBA, Léa. A EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: EM DEFESA DAS CRIANÇAS COMO SERES DA NATUREZA, HERDEIRAS DAS TRADIÇÕES CULTURAIS BRASILEIRAS. **Debates em Educação**, Maceió, v. 8, n. 16, p. 157, dec. 2016. ISSN 2175-6600. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/2422>>. Acesso em: 4 de jun. 2018.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. AVALIAÇÃO DO DOCUMENTO PRELIMINAR À BASE COMUM CURRICULAR – PRINCÍPIOS, FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E CONTEÚDO PARA EDUCAÇÃO INFANTIL. 2016.

KRAMER, S. **Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação de sujeitos sociais**. Presença Pedagógica, 2000. 6(31), 17-27.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de out 2017.

PEREIRA, Maria Amélia Pinho. **Casa Redonda: uma experiência em educação**. 1. ed. São Paulo: Editora Livre, 2013.

RIBEIRO, Liandra. **Passadouros: Aprendizagens sobre as passagens e as paisagens da primeira infância**, 2017.

ROSSET, Joyce Menasce; RIZZI, Maria Ângela; WEBSTER, Maria Helena. **Educação infantil: um mundo de janelas abertas**. 1.ed. Porto Alegre: Edelbra, 2017

SANTOS, Sandro Vinicius Sales. Walter Benjamin e a experiência infantil: contribuições para a educação infantil. **Pro-Posições**, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 223-239, dez. 2015. ISSN 1982-6248. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642407>>. Acesso em 02 de nov. 2017.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria**. 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

ANEXO



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 453 de 21/11/1983 – D.O.U de 22/11/1983

**AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA
DE PESSOA MENOR DE IDADE**

Eu, Rodrigo Zucatti, residente no endereço
Av. Frederico A. Ritter, 3601/134, sob o RG nº
407559 P536 e o CPF nº 97889607000,
autorizo, por meio desta, o(a) Sr(a). Manuella Dias Valim, do curso Especialização em
Educação Infantil e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, a utilizarem,
GRATUITAMENTE, a imagem fotográfica de meu(inha) filho(a) Júlia Carpes Zucatti
para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Educação Infantil como
um lugar da Experiência: Parar para olhar, Ter sensibilidade no olhar, Tentar desacelerar”.

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, 14 de novembro de 2018.

Rodrigo Zucatti
Assinatura do Responsável Legal

Manuella Valim
Assinatura do Aluno

AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA

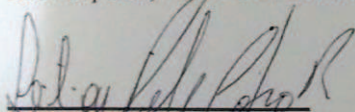
Av: Unisinos, 950 Caixa Postal 275 CEP 93022-000|São Leopoldo|Rio Grande do Sul|Brasil|Telefone 51 3591 1122|http://www.unisinos.br 3
Av: Luiz Manoel Gonzaga, 744 CEP 90470-280|Porto Alegre|Rio Grande do Sul |Telefone 51 3591 1122
Rua Treze de Maio, 675 (2º andar) CEP 95700-000|Bento Gonçalves|Rio Grande do Sul|Brasil|Telefone 54 3452 5100
Rua Feijó Junior, 1132 (1º e 2º andar) CEP 95034-160|Caxias do Sul|Rio Grande do Sul|Brasil| Telefone 54 3214 2100
Rua Carlos Gomes, 658 (centro) CEP 96200-460|Rio Grande|Rio Grande do Sul|Brasil|Telefone 53 3235 1339

**AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA
 DE PESSOA MENOR DE IDADE**

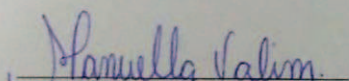
Eu, Leila de Castro Rodrigues, residente no endereço Telma Silveira Donnelly nº 855, sob o RG nº 6090 848087 e o CPF nº 004 808 680 00, autorizo, por meio desta, o(a) Sr(a). Manuella Dias Valim, do curso Especialização em Educação Infantil e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, a utilizarem, **GRATUITAMENTE**, a imagem fotográfica de meu(inha) filho(a) **Isabela Rodrigues Ferreira** para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Educação Infantil como um lugar da Experiência: Parar para olhar, Ter sensibilidade no olhar, Tentar desacelerar”.

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, 14 de novembro de 2018.



 Assinatura do Responsável Legal



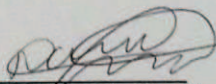
 Assinatura do Aluno

**AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA
DE PESSOA MENOR DE IDADE**

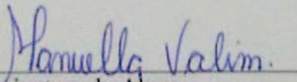
Eu, DANIEL LERSCH, residente no endereço
RUA TUPI 547, sob o RG nº
7086653479 e o CPF nº 822.591.350.72,
autorizo, por meio desta, o(a) Sr(a). Manuella Dias Valim, do curso Especialização em
Educação Infantil e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, a utilizarem,
GRATUITAMENTE, a imagem fotográfica de meu(inha) filho(a) **Miguel Souza Lersch**
para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Educação Infantil como
um lugar da Experiência: Parar para olhar, Ter sensibilidade no olhar, Tentar desacelerar”.

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, 14 de novembro de 2018.



Assinatura do Responsável Legal



Assinatura do Aluno

AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA

Av. Unisinos, 950 - Caixa Postal 275 - CEP 93022-000 | São Leopoldo | Rio Grande do Sul | Brasil | Telefone 51 3591 1122 | <http://www.unisinos.br> 9
Av. Luiz Manoel Gonzaga, 744 CEP 90470-280 | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | Telefone 51 3591 1122
Rua Treze de Maio, 675 (2º andar) CEP 95700-000 | Bento Gonçalves | Rio Grande do Sul | Brasil | Telefone 54 3452 5100
Rua Feijó Junior, 1132 (1º e 2º andar) CEP 95034-160 | Caxias do Sul | Rio Grande do Sul | Brasil | Telefone 54 3214 2100
Rua Carlos Gomes, 658 (centro) CEP 96200-460 | Rio Grande | Rio Grande do Sul | Brasil | Telefone 53 3235 1339

**AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA
 DE PESSOA MENOR DE IDADE**

Eu, Fabrizia Souza Nazário, residente no endereço Rua Lavante, 189 - Bairro Monte Carlo/Buchacrinha, sob o RG nº 106511146 e o CPF nº 95392939015, autorizo, por meio desta, o(a) Sr(a). Manuella Dias Valim, do curso Especialização em Educação Infantil e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, a utilizarem, **GRATUITAMENTE**, a imagem fotográfica de meu(inha) filho(a) **Isabella Nazário Camargo**, para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Educação Infantil como um lugar da Experiência: Parar para olhar, Ter sensibilidade no olhar, Tentar desacelerar”.

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, 14 de novembro de 2018.

Fabrizia Souza Nazário
 Assinatura do Responsável Legal

Manuella Dias Valim
 Assinatura do Aluno

**AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA
 DE PESSOA MENOR DE IDADE**

Eu, ROZANGA CHAMORRO FEHLAARDI, residente no endereço RUA ROYELI GUARDES, 150 - VALE DO SOL, sob o RG nº 1043161554 e o CPF nº 034524829-21, autorizo, por meio desta, o(a) Sr(a). Manuella Dias Valim, do curso Especialização em Educação Infantil e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, a utilizarem, **GRATUITAMENTE**, a imagem fotográfica de meu(inha) filho(a) **Enzo Chamorro da Silva** para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Educação Infantil como um lugar da Experiência: Parar para olhar, Ter sensibilidade no olhar, Tentar desacelerar”.

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, 14 de novembro de 2018.

Chamorro
 Assinatura do Responsável Legal

Manuella Valim
 Assinatura do Aluno

**AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA
 DE PESSOA MENOR DE IDADE**

Eu, Daiene Gonçalves Marim, residente no endereço
Rua Gottecas nº 115, sob o RG nº
 e o CPF nº 813.600.020-49,

autorizo, por meio desta, o(a) Sr(a). Manuella Dias Valim, do curso Especialização em
 Educação Infantil e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, a utilizarem,
GRATUITAMENTE, a imagem fotográfica de meu(inha) filho(a) **Lucas Gabriel Marin
 de Oliveira** para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Educação
 Infantil como um lugar da Experiência: Parar para olhar, Ter sensibilidade no olhar, Tentar
 desacelerar”.

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio
 eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos,
 técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer
 outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, 14 de novembro de 2018.

Daiene G. Marim
 Assinatura do Responsável Legal

Manuella Valim
 Assinatura do Aluno

**AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA
 DE PESSOA MENOR DE IDADE**

Eu, Françiele Primoeiro Motta, residente no endereço Av. Princesa Isabel 101, sob o RG nº 2094706716 e o CPF nº 022.660.800-08, autorizo, por meio desta, o(a) Sr(a). Manuella Dias Valim, do curso Especialização em Educação Infantil e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, a utilizarem, **GRATUITAMENTE**, a imagem fotográfica de meu(inha) filho(a) **Otavio Dominic Motta dos Santos** para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Educação Infantil como um lugar da Experiência: Parar para olhar, Ter sensibilidade no olhar, Tentar desacelerar”.

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, 14 de novembro de 2018.

Françiele Primoeiro Motta
 Assinatura do Responsável Legal

Manuella Valim
 Assinatura do Aluno

DE PESSOA MENOR DE IDADE

Eu, JENIFFER FERREIRA DA SILVA residente no endereço RUA CAUDEIAS Nº188 PARQUE DA MATRIZ, sob o RG nº 111.66.35631 e o CPF nº 851.885.570-53, autorizo, por meio desta, o(a) Sr(a). Manuella Dias Valim, do curso Especialização em Educação Infantil e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, a utilizarem, **GRATUITAMENTE**, a imagem fotográfica de meu(inha) filho(a) Gustavo Ferreira Castilhos para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Educação Infantil como um lugar da Experiência: Parar para olhar, Ter sensibilidade no olhar, Tentar desacelerar”.

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, 14 de novembro de 2018.

JENIFFER FERREIRA DA SILVA
Assinatura do Responsável Legal

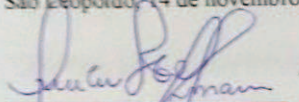
Manuella Valim
Assinatura do Aluno

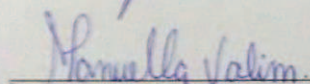
AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA
 DE PESSOA MENOR DE IDADE

Eu, Julia Lúcia Hoffmann, residente no endereço Rua Misser, 360, APOFFIA, Sista Negra, Cachoeirinha, sob o RG nº 70038677-26 e o CPF nº 006.594.580-80, autorizo, por meio desta, o(a) Sr(a). Manuella Dias Valim, do curso Especialização em Educação Infantil e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, a utilizarem, **GRATUITAMENTE**, a imagem fotográfica de meu(inha) filho(a) **Francisco Hoffmann Colombo** para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Educação Infantil como um lugar da Experiência: Parar para olhar, Ter sensibilidade no olhar, Tentar desacelerar”.

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, 14 de novembro de 2018.


 Assinatura do Responsável Legal


 Assinatura do Aluno

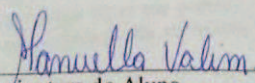
**AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA
 DE PESSOA MENOR DE IDADE**

Eu, Elisandra S.B. da Rocha, residente no endereço Rua Tracema nº 351, sob o RG nº 5090165613 e o CPF nº 02437509003, autorizo, por meio desta, o(a) Sr(a). Manuella Dias Valim, do curso Especialização em Educação Infantil e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, a utilizarem, **GRATUITAMENTE**, a imagem fotográfica de meu(inha) filho(a) **Leticia Barboza da Rocha** para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Educação Infantil como um lugar da Experiência: Parar para olhar, Ter sensibilidade no olhar, Tentar desacelerar”.

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, 14 de novembro de 2018.


 Assinatura do Responsável Legal


 Assinatura do Aluno

**AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA
DE PESSOA MENOR DE IDADE**

Eu, Manoel de Fátima Da C. Frota, residente no endereço Rua Mariana nº 615, AP 28 Princesa Esbce, sob o RG nº 5067835719 e o CPF nº 931640090-20, autorizo, por meio desta, o(a) Sr(a) Manuella Dias Valim, do curso Especialização em Educação Infantil e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, a utilizarem, **GRATUITAMENTE**, a imagem fotográfica de meu(inha) filho(a) Bernardo Frota Martinez para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Educação Infantil como um lugar da Experiência: Parar para olhar, Ter sensibilidade no olhar, Tentar desacelerar”.

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, 14 de novembro de 2018.

Manoel Frota
Assinatura do Responsável Legal

Manuella Valim
Assinatura do Aluno